

# **Inserção da mulher de classe média no mercado de trabalho e sua conciliação com a maternidade sob a ótica de professoras do ensino superior**

**Denise Pereira CORRÊA**<sup>1</sup>, denisepercorrea@yahoo.com.br; **Giselle Braga de AQUINO**<sup>2</sup>, gi07ba@yahoo.com.br

1. Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé (MG).
2. Doutora em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro (RJ); professora e coordenadora do curso de Psicologia da FAMINAS, Muriaé (MG); professora na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Leopoldina (MG).

Artigo protocolado em 4 ago. 2014 e aprovado em 14 set. 2014.

**RESUMO:** Entrevistaram-se quatro mulheres, pertencentes à classe média, residentes na cidade de Muriaé, professoras do ensino superior, casadas, que possuem filhos pequenos. O material foi submetido à Análise do Discurso a partir das categorias: a importância e os desafios da maternidade na vida da mulher, as consequências da inserção da mulher no mercado de trabalho, e a conciliação entre maternidade e trabalho.

**Palavras-chave:** mulher, trabalho, maternidade, conciliação.

**ABSTRACT:** Middle-class women's insertion in the labor market and their conciliation with

**motherhood from the perspective of higher education teachers.** Four women belonging to the middle class, residents in the city of Muriaé, higher education teachers, married, who have young children. The material was submitted to a discourse analysis from the categories: the importance and challenges of motherhood in women's lives, the consequences of women entering the labor market, and conciliation between motherhood and work.  
**Keywords:** woman, work, maternity, conciliation.

## Introdução

A inserção da mulher no mercado de trabalho se tornou um fato tão marcante que resultou os primeiros estudos sobre a mulher nos meios acadêmicos brasileiros (BRUSCHINI, 2007). Esses estudos tiveram diversos focos, entre as pesquisas, muitas buscaram entender o fenômeno da articulação entre a família – esfera da reprodução –, e o trabalho – esfera da produção. Satir (1985) destaca que o trabalho feminino remunerado, para muitas famílias, se tornou fundamental para a sobrevivência, manutenção e ascensão social do grupo familiar, assim como para a realização pessoal de muitas mulheres. Mas diante de tantas transformações, muitos estudos ainda comprovam que o trabalho remunerado é concebido a partir da antiga perspectiva da divisão sexual do trabalho, cabendo ao homem ser o provedor do sustento familiar e a mulher a responsável pelo lar e os filhos, mesmo quando ela exerce uma atividade remunerada, ou seja, havendo uma tendência, quando se fala na condição feminina, associar a ela a mítica de “rainha-do-lar” e dona de casa.

A participação das brasileiras na esfera da produção é constante e inquestionável desde a década de 1970 (DEL PRIORI, 1989; BRUSCHINI, 2007), mas certamente essa inserção no mercado de trabalho é marcada por avanços e retrocessos, visto o alto índice de desemprego, a má qualidade do trabalho feminino, especialmente as atividades precárias e informais realizadas pelas mulheres das classes mais baixas (BRUSCHINI, 2007), salários desiguais entre homens e mulheres (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 2002) e a segregação em guetos ocupacionais (BRUSCHINI, ROSEMBERG, 1983; PACHECO, 2005).

Como resultado disso, a entrada da mulher no mercado de trabalho, somada à insuficiência de políticas públicas acaba dificultando a sua conciliação entre a esfera pública e a esfera privada, reforçando as diferenças de gênero no mercado de trabalho, e dificultando ainda mais a permanência das mulheres no mundo da produção, principalmente para aquelas que são

mães com filhos pequenos. Diante disso, esse estudo pretende investigar como professoras do nível superior, casadas, com filhos pequenos, pertencentes à classe média, de uma cidade do interior da Zona da Mata mineira, conseguem conciliar a esfera da produção com as responsabilidades exigidas pela esfera doméstica. O presente artigo tem como foco analisar e entender melhor como as mulheres de classe média alcançaram um reconhecimento na esfera do trabalho.

Num primeiro momento, apresentou-se a realidade de algumas mulheres pertencentes a famílias brasileiras; posteriormente, abordou-se sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, falou-se um pouco sobre o conceito de trabalho e um breve histórico do papel da entrada da mulher no mercado de trabalho, e a conciliação entre trabalho e maternidade.

## **I – Revisão de literatura**

### **1.1 – A mulher brasileira ao longo dos séculos**

Ao delimitar um breve percurso histórico, é necessário abordar o tema família, já que ele se relaciona diretamente a mulher. Podem-se observar as várias mudanças que ocorreram na sociedade, principalmente em relação à família, como, por exemplo, as variadas formas de organização e suas variações ao longo dos séculos. A família pode ser entendida como uma instituição social que vem se transformando através dos tempos, a partir de mudanças sociais mais amplas, portanto pode continuar se renovando e se reconstruindo (BARBOSA, 2008).

Para Rocha-Coutinho (1994), o conceito de família esteve durante muito tempo vinculado a valores eternos, atemporais e universais, no qual poucas modificações eram possíveis, fato que contribuiu para a negação da existência de outros modelos de família que certamente são presentes em nossa sociedade desde o Brasil Colônia. Esse fato justifica a vinculação da ideia de família a lógica de família patriarcal, que de acordo com Rocha-Coutinho (1994) perdurou durante todo esse período. Nessa família, o poder estava centrado no pater famílias, ele ocupava o lugar central na família, considerado como uma figura autoritária, sendo a mulher submissa a ele, além de todos os agregados. Os traços do modelo de família patriarcal ainda podem ser sentidos, em maior ou menor grau, até hoje no país e é importante considerar que sua força se estende à família e gera impacto na história da mulher, abrangendo também a política, a economia e a sociedade, de modo geral.

Em contrapartida, a figura da mulher-mãe exerceu um papel relevante no seio da família brasileira, já que, em muitos momentos, ela se tornava um refúgio, para os filhos, da autoridade desmedida do pai. Além disso,

elas se tornavam as responsáveis pela cozinha, pela higiene, pelo cuidado e educação dos filhos, desempenhando, assim, vários papéis, como os de médica, enfermeira, sacerdote e professora (ROCHA-COUTINHO, 1994).

No início do século XIX, com a chegada da família real portuguesa ao Rio de Janeiro, percebe-se uma alteração no comportamento das mulheres pertencentes às classes mais altas através da incorporação de hábitos portugueses e de um estilo de vida mais próximo ao europeu trazido pela família real. Isso também influenciará na diminuição do poder do pater famílias, ainda que o chefe da família continue a manter uma posição incontestável e as mulheres continuem a ocupar um lugar inferior ao do homem (ROCHA-COUTINHO, 1994).

Desde o século XVIII, principalmente na Europa, começa a ocorrer uma mudança de pensamento em torno da maternidade, da imagem da mãe, de sua importância e papel. O impacto disso no Brasil ganha força no fim do século XVIII, fim do século XIX, em especial com a chegada dos médicos higienistas que retornaram da Europa com novas ideias e pensamentos, apresentando o amor materno como um novo conceito da época, e os mais diversos profissionais passaram a utilizar argumentos para convencer as mulheres a cuidar pessoalmente dos seus filhos (BADINTER, 1985; ARIÈS, 1986; ROCHA-COUTINHO, 1994, 2005; COSTA, 2004).

Uma das estratégias utilizadas para isso foi transformar a autoridade em amor, reforçando o poder da mãe sobre o pai no espaço doméstico. Badinter (1985) apresenta o pensamento de ideólogos da época, que buscaram implantar um discurso para que, cada vez mais, as mulheres assumissem as tarefas maternas, eles afirmavam “sede boas mães, e sereis felizes e respeitadas. Tornai-vos indispensáveis na família, e obtereis o direito de cidadania” (p.145). Para alcançar esse objetivo, era necessário realizar manobras, valorizando a maternidade concedendo a ela uma nobre função, para Bauman (2004, p. 223). “A mãe é agora usualmente comparada a uma santa e se criará o hábito de pensar que toda mãe é uma “santa mulher”. A padroeira natural dessa nova mãe é a Virgem Maria, cuja vida inteira testemunha seu devotamento ao filho”.

Ainda no fim do século XIX, as mulheres brasileiras eram responsáveis pela esfera doméstica e uma pequena parcela delas trabalhava fora de casa, mas, com os processos de industrialização muitas delas, em especial, as mulheres pertencentes às classes sociais mais baixas começaram a trabalhar com o intuito de auxiliar na renda familiar e no seu próprio sustento.

## **1.2 – As mulheres e o trabalho**

As mulheres necessitaram se inserir no mercado de trabalho por questões relacionadas à renda familiar, mas também pelo fato de não serem

reconhecidas, e serem tratadas com desigualdade pela sociedade. Elas se dispuseram a lutar pela liberação psicológica e social, questionando os papéis que haviam sido delimitados e aqueles que elas assumiram na sociedade, como, o de mãe, esposa e dona de casa, ou seja, a mulher possuía seu horizonte limitado ao lar (MUSZKAT, 1985).

No início do século XX, muitas mulheres constituíam o número de trabalhadores nas indústrias brasileiras, mas a elas era atribuído um olhar discriminatório. Nas décadas de 1950 e 1960, apesar do surgimento das primeiras lutas feministas, as mulheres recebiam instruções e conselhos de toda parte acerca de como deveriam agir, principalmente com relação ao cuidado com os filhos. Caso não seguissem as normas prescritas, eram consideradas culpadas e se tornavam as únicas responsáveis caso algo saísse errado (ROCHA-COUTINHO, 1994).

No entanto, percebe-se que, apesar dos avanços e das conquistas alcançadas pelas mulheres, elas ainda não foram libertadas dos antigos papéis rigidamente definidos como femininos, que continuam a ser valorizados socialmente. Na realidade, coexiste uma multiplicidade de modelos, o que faz com que as mulheres geralmente transitem por diversas formas de ser mulher, oscilando entre o “moderno” e o “arcaico”, o “novo” e o “velho”, tornando-as, assim, paradoxais na sua forma de ser. Fatores que ainda dificultam sua conciliação entre a família e o trabalho.

Mesmo diante disso, os discursos feministas trouxeram novas questões e abriram um leque de possibilidades e escolhas para as mulheres brasileiras. Para Rocha-Coutinho (2005), os movimentos feministas começaram a transformar a antiga identidade feminina, tornando possível novas escolhas para as mulheres, em especial, com a dissociação da sexualidade e reprodução, assim elas começaram a perceber que a vida podia “proporcionar experiências emocionantes e gratificantes além da maternidade” (p.24).

### **1.3 – A inserção da mulher no mercado de trabalho**

No século XIX, a industrialização crescente fez com que o capitalismo fosse consolidado, fazendo com que a sociedade reconhecesse mais o trabalho das pessoas. A industrialização trouxe consigo também muitas mudanças no trabalho, como por exemplo, o início do desenvolvimento de novas tecnologias, isso fez com que aumentasse a competitividade entre os trabalhadores, fazendo com que ocorresse também uma mobilidade social, ou seja, as pessoas passaram de uma classe social para a outra através do trabalho. E foi a partir desse momento que as mulheres, inclusive as advindas da classe média, tiveram mais participação no campo do trabalho (RAMOS, 2009).

Barbosa (2008) considera que no início do século XX aconteceram muitas mudanças no setor produtivo, principalmente pelo surgimento e grande explosão de novas tecnologias, como também o surgimento da pílula anticoncepcional, que foi uma grande revolução para os parâmetros da época, já que dissociou sexualidade de reprodução, e para a vida das mulheres que queriam se inserir no mercado de trabalho. Isso fez com que as mulheres tivessem novas escolhas, e uma delas é a escolha de ser ou não mãe, já que poderia escolher o momento certo de ter filhos ou até mesmo não tê-los, e dedicar-se mais à sua carreira profissional, desvinculando a sexualidade da maternidade.

Para Goldenberg (2001), o movimento feminista foi um marco importante para a participação da mulher no mercado de trabalho. Este ocorreu no final da década de 1960 e início da década de 1970 e foi responsável pelas transformações dos papéis femininos na sociedade brasileira, no qual as mulheres pela primeira vez se organizaram com a finalidade de levantar questões que dizem respeito à identidade feminina, reivindicando assim, o direito ao voto, maior espaço no mercado de trabalho e principalmente uma discussão com relação a direitos mais igualitários. Pinto (2010) destaca que durante a década de 1960,

Na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação – além da clássica dominação de classe –, a dominação do homem sobre a mulher – e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias (p. 16).

Goldenberg (2001) ainda destaca que o movimento feminista acarretou grandes mudanças na vida das mulheres, muitas delas relacionadas ao ambiente de trabalho, pois cada vez mais são inseridas nos mais diferentes ramos de atividade, onde assumem funções de comando, liderança, cargos antes ocupados pelos homens, em que existem muitas exigências, ambições,

preocupações e competitividade, e essas questões fizeram com que as mulheres ficassem sobrecarregadas, estressadas e preocupadas com sua carreira profissional.

Na sociedade contemporânea, ocorreram diversas mudanças a respeito do papel da mulher na sociedade, e esta está conquistando cada vez mais seu espaço no ambiente profissional, estas mudanças estão influenciando e até mesmo determinando fatores como a formação familiar e a atuação da mulher no campo de trabalho, atribuindo-lhes direitos que antes eram exclusivos dos homens (SMEHA; CALVANO, 2009).

Ramos (2009) ressalta que, nos dias atuais, o trabalho assume centralidade na vida de algumas mulheres, para estas, o trabalho na esfera pública significa muito, pois faz parte da construção de sua identidade e também faz com que se realizem pessoalmente. Mas apesar disso, a mulher que trabalha e tem filhos, se preocupa com sua carreira profissional e sofre uma sobrecarga muito grande decorrente da conciliação entre a família, o trabalho na esfera pública e especialmente o trabalho realizado no âmbito familiar, mas com o tempo aprendem a lidar com as dificuldades encontradas nesta dupla jornada de trabalho (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

#### **1.4 – Conciliação entre vida profissional e maternidade**

A inserção das mulheres de classe média no mercado de trabalho vem crescendo a cada ano e muitas delas já são responsáveis pelo sustento do lar e de suas famílias. Parece que hoje as mulheres vêm explorando novos papéis, buscando novas experiências pessoais, esbarrando, assim, em vários momentos, com as dificuldades de conciliar a maternidade com a vida profissional (BARBOSA, 2008).

De acordo com Rocha-Coutinho (1994), a família continua a ser prioridade para a maioria das mulheres de classe média, mesmo que para isto elas tenham que abrir mão de possíveis satisfações obtidas a partir do crescimento profissional. E aquelas que optam por garantirem a sua carreira profissional tentam conciliar de todas as formas trabalho e maternidade, fato que gera grandes dificuldades, pois ambos demandam da mulher tempo e energia, sentindo-se, portanto, sobrecarregadas.

Uma das maiores dificuldades para as mulheres que trabalham e têm filhos é terem que se dividir entre o filho e o trabalho, e ainda darem conta da educação, dos cuidados, da assistência, do afeto que os filhos precisam. E, com essa educação e atenção dada aos filhos, ajudam na construção de uma sociedade mais justa e mais equilibrada, onde a mulher moderna desempenha um novo papel (ROSEMBERG; PINTO; NEGRÃO, 1982).

Para Souza e Ferreira (2005), muitas mulheres, na atualidade, ainda ficam divididas entre ser mãe, ou seja, colocar a família em primeiro lugar, deixando de lado sua carreira profissional, entre ser independente, tendo o dever de escolher entre ser ou não ser mãe e ainda entre conciliar a maternidade e a carreira profissional. Cabe ressaltar que esta escolha está, na maioria das vezes, relacionada à história de vida de cada mulher e ao contexto em que está inserida.

Estudos atuais já demonstram um discurso social muito presente, que valoriza que o casamento ideal é aquele em que homens e mulheres trabalham fora e compartilham as responsabilidades, mas Rocha-Coutinho (2001, 2003a, 2003b, 2005) aponta que, na prática, isso tem sido muito diferente. Diniz (1999) destaca que essa diferença na divisão de tarefas domésticas e na educação e cuidado com os filhos tem se tornado um dos fatores causadores de estresse na mulher, visto que as mulheres ainda são as principais responsáveis pela manutenção e realização das tarefas ligadas a casa e às crianças. Rocha-Coutinho (2000) assinala que “parece que homens e mulheres que hoje multiplicaram funções, mas ainda não dividiram as responsabilidades” (p. 81).

Ramos (2009) considera que ao fazer a escolha pela carreira profissional, a mulher pode sofrer algumas consequências, como a pressão e a cobrança da família, da sociedade e das pessoas a sua volta, pois antes era pré-determinado que a mulher desempenhasse o papel de mãe, e esta ideia perdura até os dias atuais. O sofrimento consequente do conflito entre ser mãe ou dedicar-se à profissão é algo que influencia a vida pessoal e profissional dessas mulheres, pois ainda têm que conciliar maternidade e trabalho. Diante disso, esta pesquisa pretende investigar como esse conflito ocorre para professoras do ensino superior, residentes numa cidade do interior da Zona da Mata mineira, que trabalham fora de casa e que possuem filhos pequenos.

## **II – Material e métodos**

### **2.1– Participantes**

Nesta pesquisa de campo foram entrevistadas quatro mulheres pertencentes à classe média, professoras do ensino superior em uma faculdade na mesma cidade em que residem, casadas, que possuem filhos pequenos, a fim de analisarmos os discursos dessas mulheres sobre as questões que foram discutidas ao longo das entrevistas. Todas as participantes residem em uma cidade de pequeno porte do interior da Zona da Mata mineira.

A escolha destas participantes foi motivada pelo fato de serem mães que trabalham e possuem filhos pequenos na faixa etária dos 10 meses aos 7 anos de idade, pois as crianças apresentam maior dependência em relação à



mãe. Achou-se interessante entrevistar essas mulheres, pois o foco deste estudo é justamente sobre como as mulheres conseguem conciliar maternidade e trabalho. A média de idade das mulheres participantes da pesquisa foi de 36 anos de idade. As entrevistadas se inseriram no mercado de trabalho com idades entre 19 e 23 anos.

As quatro mulheres participantes da pesquisa de campo foram:

- Participante 1: possui 31 anos, é fisioterapeuta, ministra aulas em uma instituição de ensino superior na mesma cidade, tem um filho de 1 ano, carga horária de trabalho: 40 horas semanais.
- Participante 2: possui 41 anos, é farmacêutica e ministra aulas em uma instituição de ensino superior na mesma cidade, tem dois filhos, um de 4 anos e um de 7 anos, carga horária de trabalho: 30 horas semanais.
- Participante 3: possui 34 anos, é enfermeira, trabalha em um hospital geral da cidade e ministra aulas em uma instituição de ensino superior na mesma cidade, tem dois filhos, um de 1 ano e meio e um de 5 anos, carga horária de trabalho: 56 horas semanais.
- Participante 4: possui 38 anos, é fisioterapeuta e ministra aulas em uma instituição de ensino superior na mesma cidade, tem um filho de 10 meses, carga horária de trabalho: 40 horas semanais.

As participantes serão referenciadas a partir da descrição que foi feita acima, a fim de preservar a identidade delas.

## **2.2 – Instrumento**

Para o desenvolvimento deste estudo, foi utilizada a pesquisa qualitativa, por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas, a partir de um roteiro previamente elaborado, em que contemplou os tópicos ligados aos objetivos do estudo. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, de forma a preservar a fidelidade do que foi dito pelas participantes. Após a transcrição das entrevistas, os textos resultantes foram submetidos a uma Análise do Discurso (ROCHA-COUTINHO, 1998), a partir de categorias de análise, sendo elas: a importância e os desafios da maternidade na vida da mulher, as consequências da inserção da mulher no mercado de trabalho, a conciliação entre maternidade e trabalho.

## **2.3 – Procedimento**

O contato com as participantes foi feito a partir da indicação de coordenadores e professores da faculdade, que conheciam as professoras que

possuíam filhos na faixa etária desejada para a pesquisa. Após o contato direto com as participantes, foi obtido o consentimento delas para participarem das entrevistas e cada uma delas foi entrevistada separadamente em local e horário de sua escolha.

### **III – Resultados e discussões**

#### **3.1 A importância e os desafios da maternidade na vida da mulher**

Todas as entrevistadas atribuíram à mãe um lugar de grande importância, ser mãe para elas é essencial na vida da mulher, o que comprova que a figura de mulher-mãe ainda exerce um papel importante no seio da família (ROCHA-COUTINHO, 1994), um lugar naturalizado e vinculado à mulher, que a faz compreender esse amor materno como um amor incondicional, como algo inexplicável, em que se ama sem querer nada em troca. Ainda percebeu-se em seus discursos a atribuição de uma nobre função à mãe, como destaca Bauman (2004) vinculando a mãe a posição de “santa mulher”, uma das entrevistadas destaca que ser mãe é uma bênção e outra revela que é a coisa mais perto de Deus na terra.

Ser mãe [...] é meio que um clichê, né? Mas é um amor incondicional, é você se preocupar, é você não parar de pensar no outro, mesmo no trabalho (Participante 1).

Uma bênção. [...] Ser mãe é amar sem pedir nada em troca, é dar carinho, atenção, educação, amor [...] é é, é eu acho que mãe sofre junto com a criança, é um amor muito grande, é uma bênção. Ser mãe é tudo de bom (Participante 2).

Ser mãe é essencial na vida da mulher, é maravilhoso, é um amor muito grande. Eu não entendia quando alguém falava que amor de mãe é diferente, só depois que tive meus filhos que entendi (Participante 3).

É a coisa mais perto de Deus na Terra que se pode ter, é um amor irracional, é uma coisa assim que eu não consigo medir, a gente não consegue, são atitudes pequenas, atitudes grandes que têm no dia-a-dia. Ser mãe é isso, é você não saber o tamanho do seu coração (Participante 4).

São inúmeras as satisfações com a maternidade, elas reconheceram que se tornaram pessoas mais afetivas; que a relação com o filho, o sorriso e as brincadeiras se tornaram situações renovadoras após um dia de trabalho; sentem prazer com a atitude de ser mãe, de educar, acompanhar as mudanças,

a evolução e conquistas do filho. Uma delas apontou que o fato de trabalhar fora de casa, faz com que ela não esteja integralmente com seu filho, e gera o medo por não acompanhar o desenvolvimento dele e perder os pequenos progressos que faça, parecem situações que se vinculam ao fato da mulher carregar consigo a ideia de que ela própria deve cuidar pessoalmente de seus filhos (BADINTER, 1985; ARIÈS, 1986; ROCHA-COUTINHO, 1994, 2005; COSTA, 2004; RAMOS 2009).

Ah! Só de olhar pra cara dele, né? É coisa muito sentimental, né? É essa parte de satisfação assim, é mais sentimentos, você olhar, na hora que você chega em casa, cansada, e olha pra criança, ela tá rindo e fala mamãe [...] você vê que você é importante, uma criança, de um ano, que não tem noção assim, do que é amor, assim, pela palavra, né? E e e, saber que você é a mãe dele [...] não tem como explicar (Participante 1).

Os meus filhos são a satisfação da minha vida, não sei como explicar, eu acho que é atitude, acho que ser mãe é isso, entendeu? É essa atitude de, de, que mãe é uma coisa assim, é, é, é amor. Eu acho que mãe é, eu acho que é uma coisa fabulosa, é muito lindo, é maravilhoso (Participante 2).

Ah! Ser mãe é muito gratificante! Olhar pro seu filho quando chega em casa depois do trabalho, e ele tá bem, tá brincando, tá rindo, isso sim é uma grande satisfação. O sentimento que muda a gente, ah é bom! (Participante 3).

(Risos) Ah, o aprendizado que eu vejo, os pequenos aprendizados dele de todo o dia, a evolução, é, eu tive o prazer de ver o primeiro sorriso, tive o prazer de ver a primeira vez que ele sentou, tive o prazer de ver a primeira vez que ele engatinhou. Meu grande medo é esse, meu grande medo é chegar em casa e a minha ajudante dizer que ele fez alguma coisa com ela que ele não tenha feito comigo (Participante 4).

Apesar de termos percebido, em muitos momentos, uma vinculação entre mulher e maternidade, muitas delas apontaram que a maternidade hoje não está vinculada naturalmente a mulher, já que com as mudanças, em especial, a inserção da mulher no mercado de trabalho, oportunizou a elas outras possibilidades de escolhas. De acordo com Rocha-Coutinho (2005) muitas mulheres começaram a perceber que a vida pode “proporcionar outras experiências emocionantes e gratificantes além da maternidade” (p. 24). Mas identificam-se nessas falas a coexistência de múltiplos modelos fazendo-as oscilar entre o “novo” e o “velho”, já que muitas delas acreditam que para a realização da mulher elas devem ser mães, e outras apesar de não

reconhecerem que deve ser assim, destacaram que a sociedade ainda exige que a mulher deve se manter nessa posição, fato reforçado por Ramos (2009), mas cobra também que a mulher se mantenha na esfera da produção.

Porque como a mulher resolveu trabalhar, né? E eu vejo cada vez mais adiar a maternidade, né? Porque vem a questão profissional em primeiro lugar, né? E, muitas mulheres hoje estão aproveitando. Você não vê essa discussão tanto assim, de maternidade, de gravidez, eu acho que, primeiro, se é importante, tá ficando guardado. [...] Mas eu acho que nem toda mulher nasceu pra ser mãe, né? Porque a gente vê esses casos absurdos de violência contra a criança [...], pra mim isso não é mãe, né? (Participante 1).

A sociedade vê a mulher como se ela nasceu pra ser mãe, né? O ser humano tem que reproduzir, né? A sociedade tem que se multiplicar, então eu acho que é isso, é natural. Eu acho que pra algumas mulheres ser mãe é o mais importante, entendeu? Mas isso vai depender de cada mulher, para algumas ser mãe não é o mais importante, né? A carreira profissional talvez esteja em primeiro lugar, eu vejo isso pelas pessoas que tão à minha volta, estão adiando a maternidade o máximo que podem. [...] Mas eu, acho, que para a completa realização de uma mulher ter um filho é fundamental (Participante 2).

A sociedade tem muito disso, de que é praticamente determinado que a mulher se case e tenha filhos. A sociedade, no caso da mulher, ainda enfatiza a importância da maternidade, mesmo para aquela que tem uma carreira profissional (Participante 3).

A maternidade pra algumas mulheres é um capricho, eu quero ter um filho porque todo mundo tem, porque as minhas amigas têm, porque eu tô ficando velha, sendo que é muito mais do que mostrar pros outros, é muito mais do que a idade, porque é um filho, ser mãe é você ter alguma coisa de valores pra passar pra alguém, porque dá banho, dá comida, trocar fralda, qualquer um vai fazer, agora, criar, ensinar, dar limite, administrar, isso aí realmente só alguns vão fazer, é, é, eu acho que a sociedade cobra da mulher essa coisa do antigo, de ser mãe, de ficar em casa, de cuidar, de gerar, de criar, mas cobra também independência, ser profissional (Participante 4).

### **3.2 – As consequências da inserção da mulher no mercado de trabalho**

Todas as entrevistadas reconhecem mudanças ao longo dos séculos com relação ao posicionamento da mulher na sociedade, revelando inclusive

o lugar de submissão que elas ocupavam e as transformações no período atual, mas apontam também a necessidade de que outras mudanças ocorram, pois elas ainda não são suficientes para alterarem o olhar destinado a elas, ainda há uma tendência a associar a mulher à mítica de “rainha-do-lar” e dona de casa. Todas as participantes apontaram a inserção da mulher no mercado de trabalho como uma conquista e isso despertou nelas o desejo de buscarem independência financeira e realização pessoal, além de conquistarem uma maior liberdade de expressão, fato que Shema e Clavano (2009) também ressaltaram em seus estudos, como se pode observar nos relatos a seguir:

Então, a mulher deixou de ser é, aquela coitada que ficava em casa só cuidando dos filhos, né? Tirando o sapatinho do marido quando chegava em casa, só por conta do lar, mas começou a trabalhar fora (Participante 1).

Ah, antes a mulher era vista somente como dona de casa, mas a maioria delas mudou esse pensamento, podemos ver que agora as mulheres estão buscando uma independência financeira e uma realização tanto pessoal como profissional. De um modo geral, houve várias mudanças no âmbito profissional, no que diz respeito à valorização do trabalho feminino, apesar dessas mudanças ainda não serem aceitas completamente pela sociedade (Participante 2).

A mulher hoje busca principalmente sua independência financeira, busca um crescimento pessoal. Mudou que agora a mulher quer ser independente, quer ter seu próprio dinheiro, comprar suas coisas sem depender de ninguém, sem ter que pedir dinheiro ao marido, né? Ainda mais na nossa classe, né? Nós de classe média, a gente faz faculdade, mesmo sendo difícil a gente tá estudando, tá tentando alguma coisa (Participante 3).

Muito diferente da situação que a minha mãe viveu, por exemplo, é, eu acho que a questão de trabalhar fora e principalmente conciliar tem uma mudança maior, porque tem aquela coisa de que tem que dar certo, a responsabilidade de tem que dar certo. E em compensação a gente fala mais, a gente se abre mais, é, a gente reclama se precisar de reclamar, a gente, é, tem mais liberdade de expressão, na hora de dividir as tarefas e na hora de, de criar um filho (Participante 4).

Essas mudanças apontadas por elas trazem consequências positivas e negativas para a mulher. Elas apontaram como positivas, o fato de as mulheres terem mais espaço para se posicionarem, se inserirem no mercado de trabalho, buscarem se realizar profissionalmente e pessoalmente, são mais independentes financeiramente e conseguem dividir mais as tarefas.

Como mudanças negativas, apenas uma delas não as reconhecem, mas as outras participantes percebem que acumularam mais funções, mais responsabilidade, ficam menos tempo em casa, e em função disso, se sentem mais sobrecarregadas. O que pode ser comprovado pelos estudos de Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), a conciliação entre família e trabalho gerou uma sobrecarga, mas isso fez com que elas aprendessem a lidar com as dificuldades encontradas nessa dupla jornada de trabalho. Assim pode-se reconhecer em seus discursos:

Só que em consequência disso, a gente, eu acho que a gente, é, a gente atribuiu a nós mesmas mais funções né, porque aí você começa a ter responsabilidade de cuidar de casa, tomar conta de menino, trabalhar fora, né? Eu acho que a gente [...] com isso a gente conseguiu mais trabalho, mais sobrecarga, eu acho que a mulher hoje tá muito sobrecarregada, muito cansada, muito estressada. Positiva, porque hoje você tem mais voz, né? A mulher tem mais voz, consequentemente sai de casa com mais sobrecarga de trabalho. Eu não sei se a gente conquistou mais direitos [...]. (Participante 1).

As mudanças positivas seriam que as mulheres estão procurando realizar-se profissionalmente e também pessoalmente e as negativas seriam que agora estamos trabalhando mais, estamos mais sobrecarregadas (Participante 2).

Eu não vejo mudança negativa, mas são muitas as mudanças positivas, ser independente financeiramente, a mulher busca uma realização pessoal (Participante 3).

As positivas são essas, de falar mais, significa dividir mais as tarefas, e no sentido de compartilhamento e não de deixar para o outro, assim, de compartilhar aquilo que também é dele. Então positivo, eu acho isso. Agora, negativo [...], era bom ficar em casa, eu acho que devia ser bom ficar mais tempo em casa, eu acho que, sei lá, mais horas em casa não ia ser má ideia não, agora, assim, negativo é que hoje em dia a gente acaba tendo muitas horas de trabalho fora, por causa das responsabilidades de correr atrás do dinheiro, e, antigamente não, antigamente era muito definido: o homem provém e a mulher mantém; hoje em dia esses papéis ou eles são empatados ou eles são invertidos; ou os dois provém, os dois têm poder, ou, quem provém, provém menos, e aí quem mantém tem que manter e prover, e aí a situação fica mais difícil, né? Aí haja criatividade! (Participante 4).

Para todas elas, o trabalho é muito importante, através dele elas realizam o que gostam de fazer, é uma fonte de prazer, alegria, satisfação,

além de proporcionar independência financeira. Satir (1985) revela que o trabalho remunerado feminino passou a ser fundamental para a própria sobrevivência, manutenção e ascensão social do grupo familiar, além da realização pessoal que proporciona a elas. Uma delas destacou que até o nascimento do filho era a coisa mais importante da sua vida, mas parece que a maternidade alterou essa prioridade.

É muito importante. Bom, é, é a realização do que eu gosto de fazer, né? (Participante 1).

É muito importante, adoro trabalhar, é, o trabalho me proporciona alegria, conforto, prazer. Trabalho não é tudo, mas é quase tudo na vida da gente, né? (Participante 2).

O trabalho é muito importante pra mim, porque me proporciona satisfação, é, eu comecei a trabalhar desde cedo também pra ter minha independência financeira como já disse, né? Eu sou bem guerreira, né? Não tenho preguiça, gosto de trabalhar, faço com prazer (Participante 3).

Muito, até literalmente até ter filho, era quase que a coisa mais importante da minha vida, é, importante porque eu acho que dignifica, importante porque eu venho de uma família, uma criação materna muito forte, que nunca viu nada de graça, sempre vindo do trabalho. [...] Então eu não consigo imaginar, na verdade eu tenho dificuldade até de imaginar a vida sem ser pelo trabalho, tudo que eu acredito de construção é via trabalho, o trabalho na minha vida tem algo de peso muito importante (Participante 4).

Com relação às vantagens e desvantagens de se trabalhar fora de casa, as entrevistadas apresentaram como vantagens, o fato da mulher não depender financeiramente de um outro, conquistar a independência financeira e também intelectual. A inserção da mulher no mercado de trabalho para Shema e Calvano (2009) proporcionou que as mulheres comesçassem a ser valorizadas, possibilitando crescimento pessoal e profissional. E como desvantagens, elas se sentem cansadas com a sobrecarga de trabalho; culpadas por não passarem tempo suficiente com seus filhos. Rocha-Coutinho (1994) ressalta que conciliar maternidade e trabalho gera grandes dificuldades, pois ambas as esferas demandam tempo e energia da mulher, fazendo com que elas se sintam sobrecarregadas. Uma delas inclusive ressaltou o conflito que a mulher se encontra diante de sair para trabalhar e ter que “largar” o filho em casa ou com uma outra pessoa, interligando ainda a figura da mãe como

principal responsável pelos cuidados com os filhos. Os relatos a seguir se relacionam a essas questões:

A vantagem é de você não depender do outro financeiramente, né? Você poder, igual, agora com filho, você poder comprar alguma coisa pro seu filho, né? Mas a desvantagem é, o cansaço, o pouco tempo com o filho. Eu acho que toda mãe se culpa, né? Nunca o tempo que você tem é o suficiente pra ficar com a criança (Participante 1).

A vantagem de trabalhar fora de casa é que temos nossa independência, mas a desvantagem é a sobrecarga de trabalho. Mas vale a pena, não quero ser só dona de casa (Participante 2).

Ah, a vantagem de trabalhar fora de casa é que é muito bom a gente ser independente financeiramente. E, e, a desvantagem é ter que deixar os filhos pra ir pro trabalho, eu acho, eu acho assim, um dos maiores conflitos que a mulher de trabalhar fora é esse, largar o filho em casa, largar o filho com febre, né? Deixar com a babá, né? É uma situação complicada, mas, é, é difícil, é doloroso (Participante 3).

A vantagem é a independência intelectual antes de qualquer coisa, independência financeira, porque eu sempre fui dona do meu nariz, e a independência intelectual de, de conhecimento que me levou a ser professora de graduação, professora de pós-graduação, me levou a fazer um mestrado fora do país. [...] A desvantagem é a dificuldade de reconhecimento da profissão, não é valorizada (Participante 4).

Apesar de Souza e Ferreira (2005) apresentarem que muitas mulheres acabam deixando a carreira profissional em prol da maternidade, nossas participantes apresentaram que mesmo diante desses conflitos e desvantagens com relação ao trabalho, elas não parariam de trabalhar fora, pois o trabalho é fonte de satisfação e prazer. Uma delas revelou que pararia se um dos filhos necessitasse dela integralmente, outra relatou que não concebe o fato de não trabalhar e percebe com estranheza a mulher que não trabalha fora de casa, e duas delas enfatizaram que não querem parar de trabalhar, mas apontaram como possibilidade a redução da jornada de trabalho.

Eu não pararia, eu acho que, eu já pensei em reduzir minha carga horária, mas parar de trabalhar não, ficar só por conta de lar não, eu não gosto (Participante 1).

Bom (...), eu pararia somente se algum de meus filhos precisasse sempre de mim por perto, se fosse o caso de alguma doença



e fossem dependentes de mim, caso contrário, não pararia de trabalhar jamais (Participante 2).

Não, não pararia, principalmente agora, assim, que a gente tá trabalhando fora, que a gente tá estudando, e cada vez mais impondo um monte de coisas pra gente, né? Hoje, a mulher que escolhe ficar em casa cuidando do filho é a coisa mais estranha, né? Hoje a mulher tá trabalhando, e se você não tá, é uma coisa muito estranha (Participante 3).

Parar de trabalhar não, mas reduzir a carga horária sim, ficar mais tempo em casa com o meu filho (Participante 4).

### **3.3 – A conciliação entre maternidade e trabalho**

Com relação ao compartilhamento das responsabilidades e os cuidados com o filho e nas tarefas de casa, elas contam com irmãs, mãe, empregada e babá. Todas elas relataram que também recebem a ajuda do marido como se pode verificar nos relatos abaixo:

Eu tenho várias pessoas, eu tenho duas irmãs (risos), que me ajudam muito, minha mãe, meu marido no final de semana. Eu tenho uma irmã, que, agora em julho ela vai casar, que, que, eu não sei como eu vou fazer, porque ela é a mãe noturna do meu filho, né? Que a partir de 6 horas da tarde até 11 horas da noite que eu chego em casa, ela fala, né? Que ela é a mãe da noite (risos), então eu sei que eu posso contar assim, se ele tiver passando mal, né? (Participante 1).

Bom, eu tenho uma empregada que me ajuda com as tarefas da casa e com as crianças, então, quando tenho tempo livre me dedico aos meus filhos. Eu compartilho tudo com meu marido, o que não compartilho é quando tem alguma coisa que eu acho que ele não aceitaria, então eu nem pergunto a ele, eu pego e faço (risos) (Participante 2).

Bem, compartilho com meu marido, ele me ajuda muito com as crianças. Mas nós dois trabalhamos fora, então durante o dia as crianças ficam com a babá lá em casa, que também me ajuda nos afazeres da casa, e a noite quando estou na faculdade meu marido fica com as crianças. Eu compartilho tudo com ele, acho que não tem nada que eu não compartilho (Participante 3).

Com meu esposo, no período da noite quando eu vou trabalhar, ele fica com ele, ele faz todas as minhas, ele só não faz uma função que eu faço, que é amamentar, e eu tô amamentando até hoje, o resto ele [...], dá banho, troca fralda, faz a comida, dá a comida, nina, faz dormir, pega no berço, e, liga a galinha

pintadinha, faz tudo. E tem uma ajudante formal, que é uma, uma funcionária que eu pago, e ela cuida da casa e do meu filho (Participante 4).

Estudos atuais, como os de Rocha-Coutinho (2001, 2003a, 2003b, 2005) apontam que o casamento ideal é aquele em que homens e mulheres trabalham fora e compartilham as responsabilidades, mas na prática isso tem sido diferente. Apesar do auxílio que recebem, elas se sentem sobrecarregadas com as tarefas, fato que Diniz (1999) aponta como uma das causas de estresse na mulher. E uma das entrevistadas relatou que o fato de querer controlar tudo faz essa divisão recair mais para ela, outra destacou que quando chega em casa após o trabalho ainda tem que realizar muitas tarefas. Uma apontou que se sente sobrecarregada com o excesso de trabalho, pois em casa ela tem prazer em realizá-las já que não pode transferir esse cansaço ao filho.

Sim, muito. Acho que toda mulher se sente, assim, nesse sentido, sobrecarregada porque tem hora que você quer só sentar e descansar, né? Mas a partir do momento que você tem uma criança dentro de casa, você [...], acaba isso, e, até eu ter consciência disso, eu, eu sofri bastante, a sensação que você tem é que você nunca pode parar, porque, porque você tem que dar comida, dar banho, né? E, e eu, isso é um erro meu assim, que apesar de tentar compartilhar as tarefas, eu acho que se eu não tiver junto não vai dar certo, entendeu? É, eu sou meio controladora (risos), é uma coisa que eu preciso trabalhar (Participante 1).

Um pouco, porque meu marido me ajuda bastante, e também tem a babá. Eu tenho prazer em ficar com as crianças, por isso não me sinto muito sobrecarregada, eu me dedico o máximo possível a meus filhos, eles não me cansam (Participante 2).

Ah! Um pouco, apesar de eu ter uma babá que me ajuda bastante, ainda tenho que realizar muitas tarefas quando chego em casa do trabalho (Participante 3).

Com as tarefas domésticas não, mas com a soma das tarefas domésticas mais o excesso de trabalho sim, aí eu me sinto sobrecarregada, as minhas horas de sono são menores do que as dele, porque eu chego em casa, eu ainda vou amamentar, eu fico com ele mais tempo, é, então a soma me deixa sobrecarregada (Participante 4).

Apesar de reconhecerem em seus discursos que recebem ajuda dos maridos, elas apontam que deve haver uma melhor forma de divisão das responsabilidades e tarefas, Diniz (1999) ainda aponta a mulher como

a principal responsável pelas tarefas ligadas a casa e às crianças e Rocha-Coutinho (2000) destaca que “parece que homens e mulheres que hoje multiplicaram funções, mas ainda não dividiram responsabilidades” (p. 81). Para as nossas entrevistadas, ainda falta maior diálogo entre o casal, a mulher deve deter menos o controle das coisas, uma delas aponta que se o marido ajudasse a levar na escola a aliviar, outra enxerga a necessidade do marido auxiliar mais com as tarefas das crianças e uma delas enxerga que as coisas são mais pesadas para a mãe e vê a necessidade de um equilíbrio maior entre as duas partes.

Meu marido me ajuda muito com as crianças, quando eu estou aqui na Faculdade, é ele que dá o jantar, coloca pra dormir [...], aí quando eu chego em casa eles já estão dormindo. Ah, a única coisa que o meu marido não gosta de fazer é levar as crianças pra escola, aí eu tenho que levar e buscar todos os dias, Eu acho que nisso ele poderia me ajudar mais, pelo menos levar as crianças e eu buscar, ou então, eu levo e ele busca. Mas isso ele não me ajuda, ele não gosta. [...] Mas acho que ele poderia me ajudar com algumas coisinhas do dia-a-dia nas tarefas de casa, apesar da pouca participação nos afazeres domésticos, ele se dedica bastante nos cuidados com as crianças. Acho que é isso (Participante 2).

Porque o homem também tem responsabilidades dentro de uma casa, não pode ficar tudo em cima da mulher, mas ele me ajuda bastante com as crianças, e só dele me ajudar com as crianças e ficar com elas á noite quando estou trabalhando já me alivia bastante. [...] Ele podia além de me ajudar com as crianças, me ajudar com algumas tarefas da casa, porque apesar de eu ter uma babá que ainda me ajuda com algumas tarefas domésticas, ah, coitada, é muita coisa pra ela, na condução de uma casa existem muitas tarefas domésticas, e ele poderia me ajudar mais com elas (Participante 3).

Nessa divisão de tarefas [...]. Hum [...], eu acho que especificamente lá em casa é menos, é, o meu esposo tem um perfil mais desligado do que eu, eu sou mais ligada que ele, eu queria às vezes poder desligar um pouco e ele ligar mais, eu queria equilibrar mais isso, mas eu acho que isso vai vir com o tempo, eu acho que tá cedo pra todos dois (Participante 4).

Elas percebem a conciliação entre maternidade e trabalho envolve a necessidade de ajustamentos, Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) destacam que a mulher aprende a lidar com essa dificuldade com o tempo. Uma das entrevistadas aponta que quando encerrou a licença foi mais difícil, mas depois se acostumou, e uma delas diz que até hoje julga como algo muito

difícil, pelo sentimento de culpa que uma mãe sempre carrega com ela. Para Rosenberg, Pinto e Negrão (1982), as mulheres sentem muita dificuldade em ter que se dividir entre o filho e o trabalho, gerando um conflito e um sentimento de culpa, apresentado por Rocha-Coutinho (1994) por assumirem que qualquer coisa que saia errado elas serão as únicas responsáveis.

Bem, eu tento fazer isso da melhor forma possível, para conciliar trabalho e filhos é necessário fazer uma série de ajustamentos para tornar isso possível, mas eu conto com a ajuda da minha babá, pois eu procuro deixar as coisas corriqueiras como por exemplo, dar banho, dar comida, trocar de roupa para a babá, e eu faço com eles os deveres de casa, levo e busco na escola, brinco, assisto filmes, ah, isso é bom! Sempre que vamos assistir filme, eu faço pipoca e a gente senta no sofá pra assistirmos juntos. É muito bom (Participante 2).

Bem, não é difícil conciliar não, mas no começo, quando minha licença maternidade acabou e eu tive que começar a trabalhar foi muito difícil, foi muito difícil voltar a trabalhar, eu chorava todo dia quando eu saía de casa, porque eu tinha que deixar minha filha em casa pra trabalhar, mas depois eu acostumei, agora é tranquilo. Meu marido também me ajuda bastante com as crianças. Mas a maior dificuldade é ter que deixar os filhos em casa e sair pra trabalhar, só quando a gente é mãe que a gente entende isso (risos) (Participante 3).

Eu tô aprendendo ainda, né? porque eu voltei a trabalhar quando meu filho tinha 6 meses, então eu me considero ainda em aprendizado, em progresso, então diria que eu tô aprendendo, eu considero difícil, porque, é (...), mãe eu acho que já nasce culpada, se você fica só em casa você é culpada porque você queria tá trabalhando fora pro seu filho ter orgulho de você, então, tirando parte da culpa, é, o grande problema é a quantidade de horas que você fica fora de casa, em compensação a qualidade desse tempo que você fica dentro de casa é muito legal (Participante 4).

#### **IV – Considerações finais**

Pode-se perceber que, no decorrer da história, muitos avanços aconteceram para as mulheres de classe média, elas conquistaram autonomia, se inseriram, em sua maioria, no mercado de trabalho e promoveram a ascensão do grupo familiar, conquistaram a independência financeira, liberação psicológica e social, direcionando-se na busca de seus desejos, necessidades e na realização pessoal e profissional. Através dos discursos das mulheres entrevistadas, pode-se considerar que mudanças parecem

estar ocorrendo, elas estão se tornando mais autônomas, independentes e realizadas.

A inserção da mulher no mercado de trabalho é constante e inquestionável, e esse fato proporcionou a elas novas possibilidades e escolhas. Apesar disso, nos discursos das entrevistadas, viu-se que a condição feminina, em muitos momentos, ainda é associada a mítica de “rainha-do-lar” e dona-de-casa, e uma tendência a mãe ser comparada a uma santa mulher, aquela que deve ter o devotamento ao filho e cuidar deles pessoalmente. Para elas, tanto a maternidade quanto o trabalho são considerados imprescindíveis em suas vidas. O trabalho foi reconhecido como fonte de prazer e a maternidade o marco mais importante da vida da mulher.

Contudo, elas ainda se sentem sobrecarregadas com o acúmulo de funções que desempenham, e para conciliarem maternidade e trabalho elas precisam fazer ajustamentos constantes, a fim de se manterem nas duas esferas. Os resultados da análise apontam para o fato de que esse crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho ainda faz com que a mulher enfrente conflitos em relação à conciliação entre trabalho, família e sua realização pessoal. Apesar de num primeiro momento, as entrevistadas terem afirmado conseguir conciliar maternidade e vida profissional, quando se analisa profundamente, percebe-se que esta conciliação é bastante difícil para elas, pois têm que dar conta das duas esferas, maternidade e vida profissional.

A dificuldade na conciliação desta dupla jornada de trabalho faz com que as entrevistas se sintam sobrecarregadas com o acúmulo de funções e preocupadas com a educação dos filhos. Apesar de reconhecerem que recebem o auxílio de muitas pessoas, é possível percebê-las exercendo uma função central em suas famílias e, muitas vezes, se tornando a principal responsável pelos cuidados da casa e dos filhos. Viu-se ainda assim que as mulheres reconhecem inúmeros benefícios de estarem na esfera da produção e querem se manter nela, mas reconhecem a necessidade de ajustamentos ou pensam sobre a de redução das suas jornadas de trabalho.

## Referências

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, P. Z. **Novas visões sobre maternidade e família: mulheres que optaram por não ter filhos**. 2008. 183f. Dissertação (Mestrado em

Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BARBOSA, P. Z.; ROCHA-COUTINHO, M. L. (2007) Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 163-185, s/m. 2007.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRUSCHINI, M. C. **Tendências da força de trabalho feminina brasileira nos anos setenta e oitenta**: algumas comparações regionais. Textos FCC (1). São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1989.

\_\_\_\_\_. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Seminário internacional mercado de trabalho e gênero – comparação Brasil – França**, 2007.

BRUSCHINI, M. C.; ROSEMBERG, F. **Trabalhadoras do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

DEL PRIORE, M. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

DINIZ, G. Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. In: Terezinha Feres Carneiro (Org.). **Casal e família**: entre a tradição e a transformação. Rio de Janeiro: Nau, 1999.

FCC (Fundação Carlos Chagas). **Banco de dados sobre o trabalho das mulheres**. São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br>>. Acesso em: maio 2007.

GOLDENBERG, M. Sobre a invenção do casal. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, UERJ, v. 1, n. 1, 2001.

MUSZKAT, M. **Identidade feminina**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

PACHECO, A. L. P. B. **Mulheres pobres e chefes de família**. 2005. 250 f. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – Programa EICOS), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, jun. 2010.

RAMOS, R. R. **“Ser mulher é mais do que ser mãe”**: um estudo sobre mulheres que trabalham e que optaram por não ser mães. 2009. 113f. Monografia (Licenciatura em Psicologia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça, 2009.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Divididas e multiplicadas: a maternidade para as mulheres executivas cariocas. In: Maria Inácia D`Ávila Neto, Rosa Pedro (Org.). **Tecendo o desenvolvimento: saberes, gênero, ecologia social**. Rio de Janeiro: MAUAD, v. 0, p.107-125, 2003b.

\_\_\_\_\_. Dos contos de fadas aos super-heróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram as identidades. **Psicologia Clínica**, v. 12, n. 2, p.65-82, jul./dez. 2000.

\_\_\_\_\_. Novos tempos, novos sujeitos: homem e mulheres brasileiros reconfiguram identidades. In: **XXXI Reunião Anual de Psicologia**, 2001, Rio de Janeiro. Resumo de Comunicações Científicas. Rio de Janeiro: SBP (Sociedade Brasileira de Psicologia), v. 1, p. 134-134, 2001.

\_\_\_\_\_. Quando o executivo é uma “dama”: mulher, carreira e relações familiares. In: Terezinha Féres-Carneiro (Org.). **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneos**. Rio de Janeiro: Loyola/PUC-Rio, v. 0, p. 00-17, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

\_\_\_\_\_. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres com uma carreira. In: Feres Carneiro, T. (org.). **Família e casal: efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, p.122-137, 2005.

\_\_\_\_\_. A análise do discurso em psicologia: algumas questões, problemas e limites. In: L. de Souza; M. F.; Quintal de Freitas; Rodrigues; M. M. P. (orgs.). **Psicologia: reflexões (im)pertinentes**. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 317-346, 1998.

ROSEMBERG, F.; PINTO, R. P.; NEGRÃO, E. V. **A educação da mulher no Brasil**. São Paulo: Global, 1982.

SARTI, C. Trabalho feminino: de olho na literatura. **Literatura Econômica**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 93-116, 1985.

SMEHA; C. O que completa uma mulher? : um estudo sobre a relação entre não-maternidade e vida profissional. In: **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 27, n. 58, p. 207-217, jun./set. 2009.

SOUZA, D. B. L.; FERREIRA, M. C. Autoestima pessoal e coletiva em mães e não-mães. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 19-25, jan./abr. 2005.